

## **veno vasco, emma goldman, a revolução mexicana de 1910 e a tese de pietro ferrua**

edgar rodrigues\*

A Revolução Mexicana, como mais tarde outras revoluções, apaixonara os homens de idéias e os liberais da época, para muito além das fronteiras do país asteca.

A solidariedade internacional não se fez esperar. O movimento eclode com a invasão da Baixa Califórnia, não só para libertá-lo da tirania porfirista, mas também para fundar ali uma sociedade livre. Ricardo Flores Magón fez um chamado ao proletariado norte-americano e ao movimento ácrata internacional. Para lá correram os sindicalistas da *Industrial Workers of World*, militantes libertários de todas as procedências, incluindo-se espanhóis, alemães, russos, ingleses, americanos e italianos, como Giuseppe Garibaldi, neto do famoso lutador.

\* Vivendo no Rio de Janeiro, Edgar Rodrigues é um dos mais importantes arquivistas do movimento anarquista no Brasil e em Portugal. Suas análises, entrevistas e compilações de documentos distribuem-se em mais de quarenta livros e cerca de mil artigos.

Neno Vasco, Emma Goldman, revolução mexicana de 1910...

Neno Vasco,<sup>1</sup> anarquista, radicado em São Paulo, destacada figura de projeção mundial no campo das idéias, responde ao chamamento aderindo àquele movimento. Solidário com a emancipação social que se pretendia levar a cabo, Neno Vasco aceitara a incumbência de ser o coletor e depositário dos recursos financeiros e o delegado, no Brasil, dos revolucionários libertários mexicanos.

Então responsável por *A Terra Livre*, com redação em São Paulo, Neno Vasco vivia “cercado” de três preocupações adversas em 1910: a doença de sua companheira, divergências de fundo nativista, originadas em polémicas com acadêmicos e outros, e a vigilância das autoridades por ser anarquista, escrever em oposição aos políticos que o consideravam “um agitador estrangeiro”.

No ano de 1910 explodiu a Revolução Mexicana. A revolução democrática em Lisboa começou e terminou no dia 5 de outubro do mesmo ano.

O restabelecimento da liberdade de reunião, associação e de imprensa em Portugal, e as dificuldades que vinha enfrentando em São Paulo, fez Neno Vasco se decidir pelo retorno a Lisboa em 1911. Antes, porém, passou sua delegação de representante dos revolucionários mexicanos ao seu companheiro e amigo Edgard Leuenroth, então dirigindo o semanário anti-clerical *A Lanterna*.

Com data de 16 de julho de 1911, uma carta de sua autoria, dirigida a Edgard Leuenroth fala de seu “(...) receio de fazer tolice no envio de dinheiro para o México. Preso Magón — diz Neno — foi substituído por um representante que fala de Deus e Pátria! Que devo fazer? Espero informações de Paris.”

Como decorrência das preocupações de Neno Vasco, chegou-lhe de New York carta de Emma Goldman, com

data de 28 de novembro de 1911: “Meu muito bom camarada, tenho em meu poder sua carta e também o dinheiro enviado (95 dólares), os quais serão remetidos aos nossos camaradas mexicanos.

Você não pode imaginar o que significará para eles. Não somente por causa do dinheiro, o que eles necessitam muito, mas, também, por causa da solidariedade que os camaradas do Brasil e Portugal têm demonstrado.

Realmente o inimigo está desesperado ao verificar a união de várias nações com o mesmo propósito.

Por favor, transmita aos camaradas do Brasil e Portugal minhas saudações cordiais.

Diga-lhes que desejo um dia ir ao encontro deles se puder.”<sup>2</sup>

Neno Vasco já em Portugal, depositário de “certa importância de dinheiro”, mantinha intensa correspondência com o seu substituto em São Paulo, Edgard Leuenroth, e com Los Angeles, na pessoa de Manuel G. Garza. Isto ocorreria após a prisão de Ricardo Flores Magón, em 1911, quem mantinha diretamente ligações com Neno, com o qual trocava idéias. Talentoso, de ampla visão, organizador apurado, versado nos problemas sociais, históricos e lingüísticos, Neno Vasco, apesar de sua modéstia, teve uma vasta e útil participação intelectual nos primeiros tempos da Revolução Mexicana.

De março de 1912 data uma carta de Manuel G. Garza, do grupo de solidariedade internacional situado em Los Angeles, na qual trata com Neno “do fomento da Revolução Mexicana e das idéias que norteavam aquele movimento”.

Em 1913, o almanaque *A Aurora*, do Porto, por influência de Neno solidarizava-se com o lema mexicano

Neno Vasco, Emma Goldman, revolução mexicana de 1910...

“tierra y libertad”, brado do proletariado asteca, o primeiro a fazer uma revolução profundamente social, apesar dos inconfessáveis interesses políticos que viriam a desviar a revolução de seus verdadeiros caminhos.

Queiram ou não os literatos, o povo, esse herói anônimo que ninguém incluiu na história, teve a bravura e a coragem de socavar a tirania porfirista e levantar-se em luta armada por um Novo México, que abriria suas portas ao escritor humanista libertário polonês, que se escondia por trás do “lendário” pseudônimo de Bruno Traven,<sup>3</sup> e ainda deu abrigo a Leon Trotsky,<sup>4</sup> bolchevista, condenado à morte por Stalin, e recebeu também espanhóis, que ao final da Guerra Civil, foram aportar no México, não como imigrantes que iam levar o seu braço jovem para produzir riquezas materiais, mas como apátridas que carregavam suas culturas e suas idéias revolucionárias.<sup>5</sup>

### **Antecedentes da revolução mexicana**

O México recebeu, em 1540, sementes da *Utopia* de Tomas Morus, lançadas ao solo, entre o povo, por don Vasco Omeroga.

Muitos anos depois, em 6 de dezembro de 1810, sofria os efeitos sociais, econômicos e políticos do decreto-lei que acabou com a escravatura, de autoria do cura Hidalgo, que 14 dias depois, publicava o primeiro jornal independente, intitulado *El Despertador Americano*.

O mundo sofria então um forte fluxo de idéias libertárias. Os gritos da Revolução Francesa e da Comuna de Paris repercutiam no México, e toda a América do Norte era sacudida pelos movimentos operários que provocariam a tragédia de Chicago, na qual cinco mililitantes do proletariado foram enforcados e três con-

denados a diversas penas, por pleitear a jornada de 8 horas de trabalho diário. Na Europa, sucediam-se os Congressos da Primeira Internacional dos Trabalhadores, lançando as bases de um sindicalismo revolucionário.

O proletariado mexicano, embora oprimido pela tirania do general Porfirio Díaz havia 30 anos, não ignorou esses movimentos e essas idéias.

Assim é que no ano de 1900, o então estudante Ricardo Flores Magón, iniciava seus ataques à tirania porfirista no *El Democrata*, jornal que por conveniências políticas foi tirado de circulação.

Levado pelas mesmas razões e pela fé em um mundo novo, diferente, o jovem Ricardo e seu irmão, Jesús Flores Magón, lançaram-se à publicação do periódico libertário *Regeneración*, ainda no ano de 1900.

Segundo alguns historiadores, Francisco Madeiro<sup>6</sup> lá pelos anos de 1905, ajudaria financeiramente o defensor dos oprimidos, do proletariado mexicano, portavoz dos humildes, com o “objetivo de regenerar a Pátria e despertar os mexicanos na nobre indignação contra os tiranos”. Solidariedade que pouco depois seria cortada por medo dos rumos e das idéias que Magón defendia, de igualdade social. À campanha de emancipação social do *Regeneración* viria a se juntar *El hijo del Ahuizote*, editado por Daniel Cabrere no ano de 1902, com ajuda de Henrique e Jesús Flores Magón. Dias depois, publica-se também *La Reforma Social*, órgão livre-pensador, sob a direção de Lauro Aguirre.

Esse movimento inquietou o ditador Díaz que aprova, em 9 de junho de 1903, uma lei proibindo aos irmãos Magón de publicar jornais. Apesar disso, em 1º de junho de 1907, aparece em Los Angeles o periódico *Revolución*, e de novo Ricardo Flores Magón se faz ouvir desde o exílio,

Neno Vasco, Emma Goldman, revolução mexicana de 1910...

ao lado do poeta ácrata Praxedis G. Guerrero, que viria a morrer em combate com as tropas porfiristas no dia 30 de dezembro de 1910, em Chi-Huana.

Nesse tumultuado ano de 1905, em 28 de setembro, sob os efeitos do intenso movimento libertador, funda-se a Junta Organizadora do Partido Liberal, com o lema “reforma, libertad y justicia”, tendo como principais elementos orientadores Ricardo Flores Magón e o jovem poeta libertário, Praxedis G. Guerrero.<sup>7</sup>

Germinava a Revolução Mexicana nos cérebros e nas consciências dos libertários e do povo. Em 1º de julho de 1907, aparece o programa da Junta, redigido por Ricardo Flores Magón e Juan Sarabia: era um desafio, um pesadelo para o ditador Porfirio Díaz, que desesperado com o movimento organizado por Ricardo, oferece 20.000 dólares aos esbirros americanos que prendessem e entregassem a figura mais insigne do organismo que estava socavando o seu poder: a Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano.

Em atenção ao ditador mexicano, o governo norte-americano manda prender Flores Magón, mas, ao invés de entregá-lo, condena-o a 18 meses de prisão, “por conspirar contra países vizinhos”, e o encarcera no Arizona. Todavia, em Río Blanco, Juan Olivares e José Neyra, fundam o periódico de combate *Revolução Social*, que inferniza a vida de Porfirio Díaz, e este aproveita a greve de 1907 para repetir a tragédia de 1906, de Cananea, e mata, entre outros trabalhadores grevistas, os fundadores do jornal.

Francisco Madeiro, no exílio desde 1904, preocupa-se com o programa do Partido Liberal Mexicano, do grupo *Regeneración*, considerando-o “cheio de expressões libertárias, avançadas demais por já prever a desapropriação das terras, a jornada de oito horas de trabalho e

um salário mínimo”, e envia carta ao seu correspondente nos Estados Unidos, Crecencio Márquez Villareal, que se encarrega de mostrar a Magón as discordâncias de Madeiro quanto ao “programa” que “substitui o eleitoralismo pela verdadeira revolução social”.

Não podendo fazer valer seus pontos de vista, Madeiro externa sua discordância para os libertários, por meio de Prisciliano G. Silva, denunciados no jornal *Regeneración*, após a negativa de emprestar sua solidariedade à “intentona liberal de Las Vacas y Viesca”, em 1908, uma vez que sua ajuda financeira a muito fora cortada.

Madeiro muda seus rumos, suas opiniões sobre os liberais, às portas de 1910. Político astuto percebe que a situação estava madura e pensou que poderia capitalizar para si os anos de propaganda e de lutas clandestinas feitas, desde o exílio, pelos liberais.

Eclode a Revolução sem que Madeiro se definisse, e a adesão de alguns “liberais” a sua causa, entre eles Antonio Villareal, Lázaro Gutierrez de Lara, o General Leyra e Juan Sarabia, e o próprio irmão de Ricardo, Jesús Flores Magón, a quem Madeiro torna ministro, cuja adesão só acontece mais tarde.

Todavia, logo que ganha forças, inicia um verdadeiro ato de traição, começando por perseguir os mais esclarecidos homens do Partido Liberal, que o não reconheciam como presidente provisório. E quando o chefe liberal Gabino Cano, ao conduzir 14 feridos liberais pela fronteira, para os Estados Unidos, prepara-lhe uma cilada para desarmar Prisciliano G. Silva e seus homens, prende-os.<sup>8</sup> Por essa ocasião, Ricardo Flores Magón, desde as páginas de *Regeneración*, de 25 de fevereiro de 1911, denuncia: “Francisco I. Madeiro é traidor à causa da liberdade: está distribuindo no inte-

Neno Vasco, Emma Goldman, revolução mexicana de 1910...

rior do México um manifesto fazendo crer que o Partido Liberal e ele lutam pela mesma causa, apresentando-se como presidente provisório, e a mim, Ricardo Flores Magón, como vice-presidente mexicano. Vosso 'presidente provisório', como quer mesmo que lhe chamem, começou a dar golpes na liberdade. Que sucederá quando de 'provisório' passar a efetivo? Preciso recordar-vos que neste momento, no acampamento de Francisco I. Madeiro se encontra prisioneiro um nobre ancião que não cometeu outro crime que não seja o de lutar pelo vosso bem-estar?"

Madeiro preferiu confabular com Porfirio Díaz a chegar a acordos "honrados" com os homens do Partido Liberal, conforme asseverava Prisciliano. Para Madeiro, "o General Díaz não era um tirano: era algo rígido, mas um tirano, não!" Isso demonstra que Francisco Madeiro, burguês de "cartola e casaca", pretendia o lugar de Díaz, mas sem a Revolução Popular, Social e Agrária. Ele mesmo, o demonstraria no pouco tempo de seu governo, suprimindo La Casa Del Obrero Mundial — organismo proletário, que em setembro de 1914 se instalaria no hoje Palácio dos Azulejos, na esquina das ruas Madeiro e San Juan de Letrán, antigo convento dos Jesuítas —, expulsando do país os propagandistas estrangeiros, entre os quais o socialista libertário espanhol, Juan Francisco Monceleano, enquanto colocava fora da lei todas as organizações operárias — as mesmas de que se havia valido para chegar ao governo, ou melhor dizendo, às organizações que cavaram a queda de Porfirio Díaz — que desencadearam a Revolução Mexicana. Alegando idéias moderadas, aliou-se aos militares de Díaz, e assim cavou sua ruína, foi vítima de suas próprias contradições, matando a verdadeira Revolução.



## A partir de 1914

Nas revoluções populares, sempre aparecem os caudilhos para empalmá-las. A revolução mexicana não fugiria a essa dinâmica de interesses.

O jornal *Regeneración*, em sua terceira fase — a partir de 3 de setembro de 1910, com Anselmo L. Figuera como diretor e, como redatores, além dos irmãos Magón, Gutierrez de Lara e Antonio I. Villareal — reitera as idéias do seu fundador, reproduzindo o manifesto de Ricardo, dirigido “aos proletários”, onde se lia: “Derrear sangue para levar ao poder outro bandido, que oprime o povo, é um crime, e isso será o que sucederá se tomares as armas sem outro objetivo que não seja o de derrubar a Díaz, para pôr em seu lugar um novo governante...” Nesse manifesto é substituído o lema liberal de “reforma, libertad y justicia” pelo que abraçara tempos depois o próprio Emiliano Zapata: “tierra y libertad”.

O caminho estava traçado para Ricardo Flores Magón, seu irmão Henrique, Librado Rivera e seus companheiros que jamais se desviaram dele.

Prossegue a propaganda dos grupos de vanguarda, e logo em 1912, aparece outro órgão marcadamente revolucionário, *Luz*. Outro grupo é a União dos Canteiros, entidade operária, fundadora da escola racionalista na Cidade do México junto ao grupo que publica o jornal *Luz*, desfalcado com a expulsão de seu redator, Juan Francisco Moncalcano, por ordem de Madeiro. Apesar de todas as traições, 1912 fora o ano das grandes iniciativas de valor social. Em 17 de setembro, funda-se a Biblioteca da Casa do Operário, que se tornaria definitivamente a central operária do país, em torno da qual se agrupam os sindicatos dos carpinteiros, dos alfaiates, união dos canteiros, dos sapateiros e a Confederação das

Neno Vasco, Emma Goldman, revolução mexicana de 1910...

Artes Gráficas; e publicam-se *El Sindicalista e Emancipación Obrera*. E, por fim, funda-se a Confederación General Obrera de la Región Mexicana, que torna pública sua declaração de princípios, marcados pelas idéias de emancipação social.

Da Casa do Operário, sai a iniciativa da reforma agrária, proposta de Gerardo Murillo, ao Dr. Adler, da revolução constitucionalista, que seria executada por Venustiano Carranza, já iniciada em outras regiões por Emiliano Zapata. Orizaba recebe material para possibilitar a continuação do periódico *Revolución Social*. Nessa data, nasce também o Corpo Sanitário Ácrata, cujas enfermeiras usavam avental negro e blusa vermelha. Casas do povo ácratas fundar-se-iam em Córdoba, Jalapa, San Andrés, Tuxtla, Tlacaotalpan, Puerto México, Oaxaca, Tapachinla, Tehuantepec, Mérida, Puebla, Querétaro, Pachuca, Chihuahua, Sonora, Colima, Ciudad Victoria, Saltillo, Nuevo Laredo, Doña Cecilia, Tampico, León, Morelia, Banderilla, Tezintlán, Árbol Grande e, por fim, em 13 de outubro de 1915, a Escola Racionalista, e publicava-se o jornal *Aríete*.

Em 1914, quando já havia triunfado a Guerra Civil, o governo firmava-se sem cumprir o mais importante para os iniciadores da Revolução: fazer a reforma social, limpando os vermes, ratos, da política porfirista, o que leva o proletariado à greve e o conselho de guerra condena à morte Ernesto Velasco, para lhe comutar a pena, ao mesmo tempo em que fechava a Casa do Operário Mundial. Só em 1919, Luiz N. Morones formaria outra, sem as velhas tradições de independência, de dinamismo, como sua antecessora.

Evidencia-se a queda: a Revolução ia perdendo o seu verdadeiro sentido. Expulsam-se os homens de idéias, e sucedem-se os golpes políticos. Assim mesmo, ainda em 1921, sob influência do manifesto de Orizaba, fundar-

se-ia a Confederación General Del Trabajo, com a participação especial de Buenaventura Durruti, mais tarde famoso revolucionário anarquista espanhol, morto durante a Guerra Civil de 1936-39.

Declinam da “democracia” os governantes, tornando-se drásticos. Ricardo Flores Magón é condenado, em novembro de 1918, nos Estados Unidos — onde já havia sofrido 83 meses de cárcere —, a 20 anos de prisão, juntamente com seu fiel companheiro, Librado Rivera, que conseguira sobreviver e regressar ao México. Em 20 de novembro de 1922, Ricardo Flores Magón aparece morto em sua cela, na prisão de Leavenworth, Kansas.

“A data de 20 de novembro não é só aniversário de revolução política e social do México, é também o aniversário da morte do mais destacado militante ácrata, que iniciou a revolução contra a tirania porfirista, Ricardo Flores Magón”. Com essas palavras, *Regeneración* — em novembro de 1958, sob a direção de Salvador Vasquez e Felipe Quintas — iniciava as comemorações do 48º aniversário da Revolução Mexicana. A Revolução que não floresceu, por culpa dos políticos e seus inconfessados interesses.

### **Para se entender a histórica revolução mexicana**

O México foi colônia da Espanha, e em todos os países sujeitos à opressão dos colonizadores seus povos sofreram mutações e mesmo mutilações na sua evolução econômica, política e física.

Desde sua “descoberta” até a independência, decorreram muitos anos de vivência, sob os efeitos de um malabarismo político retrógrado, um jogo de interesses de toda ordem, sempre em prejuízo da população nativa.

Neno Vasco, Emma Goldman, revolução mexicana de 1910...

Livre dos espanhóis, o México, com seu “governo próprio”, viveu ainda por muitos anos traumatizado pelo estigma da fome e de brutais condicionamentos, sob os efeitos dos interesses políticos e econômicos transmitidos de gerações para gerações pelos colonizadores. O povo mexicano livre não sabia usar a liberdade, tal como tem acontecido, e continua acontecendo, nos países que “ganham a independência” dos colonizadores, pelo menos durante meio século ou mais.

Mil motivos havia, portanto, para que o mexicano nato fosse submisso e revoltado ao mesmo tempo. Esse fenômeno ocorre com todos os países que sofreram o peso das tiranias do colonialismo imperialista. A opressão gerou a revolta, e o revoltado não era um idealista; e sem ideais no cérebro, e com a espingarda na mão, as revoluções jamais restauraram a liberdade. Um povo liberto do cativo embrutecedor é passivo, revoltado e cai facilmente na ditadura. Isso já ocorreu na Rússia, quando derrubou a dinastia dos Czares e caiu no stalinismo; na Alemanha, que se livrou dos domínios de um “imperialismo prussiano” e caiu no nazismo; com Cuba, que liquidou as ditaduras de Machado e de Batista e caiu na de Fidel Castro; e em quantos mais novos países aconteceu isso?

O México entrou na história dos países independentes impregnado de doenças políticas, religiosas, culturais e psíquicas, que só o tempo e uma higienização mental, apoiada na cultura, no bem-estar social e na liberdade duradoura, podiam curar...

O General Porfirio Díaz era um dos abortos desse estado psico-social; uma espécie de “paizinho”, da laia do czar da velha Rússia. Subira ao poder em 1876, para reinar no México, sobre um povo imaturo politicamente, com baixíssimo nível econômico e social e sem tradições culturais marcantes, imerso no mais drástico agrarismo latifundiário e medieval. 98% das terras pertenciam a 2%

da população, isto é, aos homens que sustentavam todos os governos, à elite capitalista. Porfirio Díaz não ascendeu ao poder para melhorar o México, para administrar bem as riquezas do solo e distribuí-las entre quem trabalha, entre quem produz; subiu ao poder para ser útil a si e a uns poucos, aliás, a regra dos governantes. Com poucas variações.

O candidato democrata Francisco I. Madeiro não tinha melhores intenções: pretendia, como bom filho da burguesia, perpetuar a submissão do povo.

E o México ainda tinha sobre seu povo uma outra desgraça, além da deixada pelos colonizadores: ser vizinho da América do Norte.

O escritor espanhol Victor García, no seu livro *México, Panamá y Océano Pacífico*, declara que “a maior calamidade do México é ter um vizinho como o que tem na divisa esquerda do Rio Grande. Deste mesmo Rio Grande, que foi genuinamente mexicano, no solo, nas divisas, senão em toda sua bacia. Como mexicanos foram os férteis e riquíssimos Estados da Califórnia, Arizona, Nuevo México e Texas.

O México foi sempre terra de saques para os nortenhos. Com a guerra de 1846-48, ficaram com 60% do território mexicano; com os dólares continuam carregando os tesouros arqueológicos das culturas pré-cortesianas, como já tivemos oportunidade de ver quem fora cônsul dos Estados Unidos no México, Edward Thompson, que saqueara Cenote de Chichen Itzá e toda a zona Maia de Yucatán. Não contentes com isso, se imiscuem com os problemas sociais internos de maneira descarada e provocativa, como quando desembarcaram em Vera Cruz, em 1914, semeando mortes e humilhando de novo o povo asteca.

Com a greve de Cananea a provocação do Tio Sam alcançou graus inconcebíveis. Cerca de quinhentos ameri-

Neno Vasco, Emma Goldman, revolução mexicana de 1910...

canos invadiram Sonora, armados até os dentes e caçaram os mexicanos como cães onde quer que estivessem.

Os mineiros haviam declarado greve para reclamar cinco pesos a mais e as oito horas de trabalho na 'Green Consolidate Mínimo Company'. O resultado foi um massacre horrível e o encarceramento dos sobreviventes nas masmorras da fortaleza de San Juan de Ulúa." <sup>9</sup>

Sob os efeitos destas e de outras desgraças, padeceu o povo mexicano, camponês em sua maioria, analfabeto ou de pouco saber, anestesiado ao longo de muitas gerações por um feudalismo cruel, impiedoso, bestial, que tudo faria para impedir que penetrassem modestos raios liberais até o povo asteca, a liberdade individual, a liberdade e o bem-estar individual e coletivo.

Ao raiar o século XX, o mexicano, com raríssimas exceções, estava condicionado ao regime de contenção política, artística, libertária, que impedia pela força o direito de associação, de liberdade de pensar em voz alta por muitos anos, e foi aí, nesse estreito labirinto do tradicionalismo escravocrata, de "autoridades-irracionais", coartoras, repressoras, autoritárias, com Porfirio Díaz havia mais de 30 anos comandando e tripudiando do povo asteca, que eclodiu a Revolução Mexicana.

### **Políticos da revolução mexicana de 1910**

Francisco I. Madeiro, burguês liberal, ambicionava a presidência da "república" e, pelo atrevimento de se candidatar nas "eleições" realizadas para ver se Porfirio Díaz ficava ou continuava, foi preso até que se concretizasse a "vitória" eleitoreira, refugiando-se depois nos Estados Unidos, de onde regressaria à Cidade do México, em julho de 1911, isto é, nove meses após eclodir a Revolução.

Liderando os políticos do “centro” e usando os “liberais”, Madeiro nomeara-se “presidente provisório”. A seu lado viera lutar o “bandido” Pancho Villa, então refugiado nas montanhas, que pela audácia e pela bravura chega a dominar uma parte do território mexicano, desejando pôr em prática as seguintes idéias:

“Quando se estabelecer a Nova República, não mais haverá exércitos no México. Os exércitos são os maiores apoios da tirania. Não pode haver ditador sem seu exército. Poremos o exército a trabalhar. Serão estabelecidas em toda a República, colônias militares, formadas por veteranos da revolução. O Estado lhes dará posse de terras agrícolas, e criará grandes empresas industriais para dar-lhes trabalho. Trabalharão duro três dias na semana, porque o trabalho honrado é mais importante do que lutar, e só um trabalho assim produz bons cidadãos. Nos outros dias receberão instrução militar, e por sua vez instruirão todo o povo, ensinando-o a lutar. Então, se a Pátria for invadida, tomando-se apenas o telefone do Palácio Nacional na Cidade do México, em meio dia se levantará todo o povo mexicano em seus campos e fábricas, bem armados, equipados e organizados para defender seus filhos e seus lares.

Minha ambição é viver minha vida em uma dessas colônias militares, cercado de meus queridos companheiros, que sofreram tanto e tão profundamente ao meu lado. Quero que o governo estabeleça uma fábrica de curtume, onde possamos fazer boas selas e freios, pois sei como fazê-los; o resto do tempo desejo trabalhar na minha granjinha, criando gado e semeando milho. Seria magnífico ajudar a fazer do México um lugar feliz.”<sup>10</sup>

Esse homem rústico combateu heroicamente ao lado de Madeiro, para não mais ver “matar nossos pais

Neno Vasco, Emma Goldman, revolução mexicana de 1910...

e irmãos como ele mesmo afirma, assim como nos tiraram nossas pequenas terras, e nos venderam a todos como escravos. Como nos negavam lugares nas escolas para instruir-nos (...).” Revolta-se ao ser detido e conduzido à penitenciária da capital por ordem de Alfonso Madeiro. Quando consegue a liberdade, vai lutar com seus homens, para esmagar aquele a quem se aliaria voluntariamente, em nome de algo que não sabia como pôr em prática, mas que desejava ver realizado.

Outro herói de poucas leituras, despido de ambições políticas partidárias, Emiliano Zapata, não foi um “opositor que contava com forças regulares, tais como o presidente provisório, para alistar”; fora, isso sim, um modesto revolucionário, que “edificara” sua concepção entre os camponeses no sítio de Águila, próximo à cidade Cuernavaca, onde eclodira o movimento revolucionário mexicano Zapatista. É por demais conhecido o célebre grito zapatista magonista, de 25 de maio de 1911: “tierra y libertad”. Zapata fora um socialista com afinidades libertárias, e ligado aos irmãos Magón, anarquistas mexicanos de muita influência e ativa participação na verdadeira Revolução Mexicana. Não se pode fazer um paralelo de idéias entre as ambições políticas de Francisco Madeiro e o idealismo revolucionário de Emiliano Zapata.

Houve quem chegasse, anos depois, a comparar Zapata com o revolucionário Nestor Makhno, camponês anarquista russo, que lutara bravamente com o seu exército de camponeses na Ucrânia, ou Madeiro com Lênin, que tal como Madeiro perambulava pelo exílio, só chegando ao seu país depois de derrubado o ditador pela revolução popular.

Sobre as idéias de Madeiro e seus correligionários, Zapata explicava:



“Isso de liberdade de imprensa para os que não sabem escrever; liberdade de votar para os que não conhecem os candidatos; correta administração da justiça para os que jamais ocupam um advogado, todas essas belezas democráticas, todas essas grandes palavras com que nossos belos mestres e pais se deleitaram, perderam o seu mágico atrativo e a sua significação para o povo. O povo viu que com eleições ou sem eleições, que com sufrágio efetivo ou sem ele, com ditadura porfirista ou com democracia, com imprensa amordaçada ou com liberdade de imprensa, sempre, e de todas as formas, ele continua ruminando suas amargas, devorando suas humilhações infundáveis, e por isso teme, com razão de sobra, que os libertadores de hoje sejam iguais aos caudilhos de ontem.”<sup>11</sup>

O que Zapata pretendia e fazia, sempre que aparecia oportunidade, era restaurar a “liberdade econômica para os camponeses, e promover a expropriação das terras, distribuindo-as e cultivando-as.”<sup>12</sup>

Refletindo sobre os documentos que pude consultar e, mais do que isso, obras, textos e correspondência de Emma Goldman, Diego A. de Santillán, Victor García e outros escritores, somado com jornais e revistas libertárias, como *A Terra Livre*, de São Paulo, e *A Aurora*, do Porto, e as cartas de Neno Vasco, entre outras de militantes ácratas da época, ficou-me a convicção de que a *revolução libertária* no México não avançou mais por escassez de militantes conscientes, rumos afinados e falta de solidariedade do proletariado internacional, em tempo hábil, para derrubar as forças políticas, antes que estas se unissem dentro e fora do México, na defesa do capitalismo.

A rapidez que se precisava para surpreender o sistema burguês, e a morosidade no funcionamento, no dia seguinte à revolução, para que o povo não sofresse falta

Neno Vasco, Emma Goldman, revolução mexicana de 1910...

do essencial à vida da população, ajudaram o capitalismo a demonstrar sua força e união até a vitória, cedendo alguma coisa aos revolucionários, sem mudar o sistema da desigualdade política e social.

Na tese de 163 páginas de Pietro Ferrua, divulgada por Edizioni La Ficcola, de 1976, com o título *Gli anarchici nella Rivoluzione Messicana*, também se vislumbram desencontros de idealistas: além de insuficientes, em número, para um empreendimento de tamanha magnitude, faltara-lhes direcionamento coeso, recursos significativos para mudar rapidamente o sistema e fazer “a nova sociedade” funcionar no dia seguinte à revolução, melhor e mais equânime do que o capitalismo autoritário, explorador, enganador, corruptor, terrorista!

### Como conclusão

Qualquer que seja a feição que lhe queiram dar os historiadores oficiais, e os que andam na contramão da história — verdade investigada, conferida, provada cientificamente —, não poderão escamotear que a Revolução Mexicana teve uma origem de revolta contra os poderosos escravocratas, e rasgos de coletivismo, de idéias emancipadoras de igualdade libertária, social, cultural e humana.

Aos nomes de Praxedis Guerreiro, Ricardo Flores Magón e dezenas de revolucionários pioneiros das idéias libertárias na revolução de 1910, juntam-se a estadia no México de Jean Moncaleano, foragido da Espanha por se manifestar contra a execução de Francisco Ferrer, via Estados Unidos e Cuba. Empenhado na publicação de *Pluma Roja*, com Jacinto Huitron, Luiz Mendez, Ciro Z. Esquiuel, Pioquito Roldón e Eloy Armenta formou a Sociedade Anarquista Luz, editou o jornal *Luz*, fundou a Escola Moderna e ainda integrou os *Batallones Rojos*.

Na mesma linha de educação anarquista, o jornal *Ariete*, em fevereiro de 1915, exaltava e apoiava a obra da Escola Moderna fundada por Moncaleano e seus companheiros.

Em uma seqüência de informações históricas, a imprensa registrou a Escola da Razão e do Socialismo, fundada em Chalco pelo ácrata grego refugiado no México desde 1869 Rhodal Kanaty, lançando sementes que germinaram e produziram camponeses rebeldes conscientes.

O livro *Las Moscas*, de Mariano Aguela, de 1918, e *Breve Historia de México*, de Vasconcelos, falam da Rebelião Cristera, no governo de Plutarco Silva Calles, em 1924: mesmo com a Liga Nacional de Defensa de la Libertad Religiosa, os anarquistas continuavam sua propaganda depois da revolução. O proletariado filiado à C.G.T., em 1929, celebrou seu 7º Congresso.

*El Pueblo*, cinco anos mais tarde, apareceu para combater as práticas religiosas.

Finda a Revolução Espanhola e a Segunda Guerra Mundial, os anarquistas do México, em 1945, começaram refazendo suas organizações, e logo em 10 de janeiro de 1946, realizam seu 1º Congresso.

*Solidaridad*, periódico anarquista publicado em Cuba, publica “Debates do 3º Congresso dos anarquistas mexicanos”, subscrito por Agustín Souchy.

Novo congresso teve lugar de 20 a 22 de julho de 1950, com a participação de espanhóis exilados.

Já havia reaparecido o *Regeneración*, como órgão da Federação Anarquista Mexicana.

No ano de 1955, o *Regeneración* publica “A Verdadeira História da Revolução Mexicana”, de autoria de Jacinto Huitron.

Neno Vasco, Emma Goldman, revolução mexicana de 1910...

Atas no arquivo do autor, 12 páginas e intróito da Federação Anarquista Mexicana, registram: existência da Federação Ibérica de Juventudes Libertárias — Seção de México, “Decisões do 8º Congresso da FAM”, “Estudo do Fenômeno Social de Cuba e suas Repercussões no Continente” e uma relação de militantes mexicanos e espanhóis exilados — Emilia J. Muñoz Srio, Alicia Peres Salazar, Domingos Rojas, Jacinto Huitron, Julia Carrillo, Enrigueta Caurin, as esposas de Rojas e de Alcón, Arjona Castillo, Juan Ramón Alvarez Perez, Casto Moscó, delegado Cubano, Agustín Confalonieri, Marcos Alcón, Salvador Vásguez, Rodolfo Aguirre Rofles, Florêncio Torres Muñoz, Evaristo Contreras, Felipe Quintas, Fidel Arredondo Ramos, Tomás Aguirre, Jesús Polencia, Rosalio Alcón, Omar Degnes, Benjamin Cano Ruiz, Vicente Alba, E. Castrejón, José Beas, Estevan Leal, Muñoz Cota, Áurea Torres Cuadrado. Esses e outros anarquistas são responsáveis pelos exemplos das experiências libertárias, e deram respaldo à edificação da estátua de Ferrer.

O novo México que emergiu da Revolução de 1910 está longe de atender aos anseios dos pioneiros libertários, mas também não voltou ao passado retrógrado.

Os artífices dessa obra de transformação foram muitos e ainda nos deixaram reivindicações em 14 itens:

1) A emancipação dos seres humanos ou liberação como seres autônomos livres em suas decisões, lúcidas, críticas e responsáveis;

2) A igualdade social econômica e política de todas as pessoas, qualquer que seja sua idade, sexo ou cor, cuja conseqüência é o fim das classes sociais, das divisões entre os normais e os deficientes ou desajustados mentais;

3) A Liberdade de criação, única garantia real contra a uniformização, tal como se vê na China maoísta

ou em nossa sociedade de consumo de massa infantilizada;

4) A Justiça, a Igualdade e a Liberdade como três princípios incompatíveis com a existência de instituições repressivas, tanto judiciais como militares;

5) A educação libertária e permanente, que permitirá o desenvolvimento mais completo do indivíduo e não a sua adaptação submissa ao sistema produtivo de hoje. A condição é a igualdade, desde o nascimento dos meios de desenvolvimento, quer dizer, da educação e instrução em todos os campos da ciência, da indústria e das artes;

6) A organização social sobre a base da livre federação dos produtores e consumidores, em autogestão. A democracia direta, não eleitoral nem parlamentar, e sim municipal e federalista. Nada de cheques em branco — votos —, e sim a coordenação dos assuntos sociais por gente delegada, eleita por mandatos muito preciosos e revogáveis a todo o momento;

7) Uma economia dirigida à satisfação das necessidades e não em benefício próprio. É o consumo que deve orientar a produção, e não o contrário;

8) A posse coletiva e individual de todos os meios de produção e distribuição, de forma que exclua qualquer possibilidade de viver explorando o trabalho dos demais;

9) Abolição do trabalho assalariado de todas as instituições estatais e outras que permitam manutenção da exploração do ser humano pelos seus semelhantes. O trabalho assalariado é um processo pelo qual quem quer deter os meios de produção e consumo pretende compensar aqueles que só podem alugar a força de trabalho. Aboli-lo é romper essa relação entre exploradores e explorados;

Neno Vasco, Emma Goldman, revolução mexicana de 1910...

10) A distribuição igualitária das tarefas de interesse geral, a ausência de divisões entre trabalhadores manuais e intelectuais;

11) A ecologia não só para preservar nosso ar puro, mas também para promover o desenvolvimento da nossa Humanidade, baseada na igualdade de vida;

12) A livre união das pessoas e das populações deve ser segundo suas conveniências e afinidades;

13) Liberdade plena de expressão;

14) A livre circulação de indivíduos, a abolição das fronteiras, com a instauração de uma nova cidadania. O hábito de instalar-se, de viver em uma comunidade, permite a participação completa nas formas de decisão concernentes ao conjunto da vida política, social, econômica e cultural.

Eis como pensavam e como escreviam os idealistas mexicanos às portas do século XXI.

## Notas

<sup>1</sup> Pseudônimo do Dr. Gregório Nanianzeno Moreira de Queiroz Vasconcelos, nascido em Panafiel, Portugal, em 9 de maio de 1878, e falecido em São Romão de Coronado, em setembro de 1920.

<sup>2</sup> Por ser bastante extensa a carta de Emma Goldman, limito-me a inserir a parte que se refere à Revolução Mexicana e à solidariedade. O original em inglês encontra-se no meu arquivo.

<sup>3</sup> Bruno Traven, romancista internacional, com alguns dos seus livros editados mais de 40 vezes, era, na verdade, Herman Albert Otto Maksimian Faige, natural de Swibodzen, a 100 km da cidade polonesa de Poznam. Faleceu no México, entre os índios, onde vivia.

<sup>4</sup> Leon Trotsky perdeu o poder na União Soviética em disputa com Stalin. Pensando que escapava da morte, fugiu para França. Ali conheceu o estudante português de Artes Plásticas e anarquista, Cristiano de Carvalho, natural de Matosinhos, Portugal. Durante a Segunda Guerra Mundial, Trotsky fugiu da França e foi bater na porta do anarquista Cristiano de Carvalho, em Matosinhos,

pedindo ajuda. O anarquista matosinense, embora vivendo sob a ditadura de Salazar, conseguiu para Leon Trotsky uma passagem, e embarcou-o no porto de Leixões, rumo ao México. Apesar da ajuda anarquista, o bolchevista Trotsky, foi assassinado no México, pela KGB, por intermédio de um agente de Stalin, Ramón Mercador Del Río, que após cumprir a pena de prisão no México, foi ajudar Fidel Castro a prender e matar anticomunistas. Acabou deixando sua carcaça em Cuba.

<sup>5</sup> Os exilados da Revolução Espanhola, no México, nunca precisaram esconder seu anarquismo. Publicaram na capital o jornal e a revista *Tierra y Libertad*, sustentaram um excelente grupo editor de obras anarquistas, inclusive a *Enciclopédia Anarquista*, em castelhano, em dois volumes, e realizaram congressos, debatendo abertamente idéias ácratas.

<sup>6</sup> Cf. Stanley R. Rosa. *Francisco Madeiro – Apostle of Mexican Democracy*, p. 42, e, Charles Curtis Cumberland. *Mexican Revolution – Genesis under Madeiro*, p. 44.

<sup>7</sup> Práxedes G. Guerreiro, poeta, filho de família rica mexicana, renunciou à sua fortuna, doou suas terras aos camponeses e foi juntar-se aos humildes, no começo da revolução de 1910, foi ferido em combate, e morreu em 30 de dezembro de 1910.

<sup>8</sup> Cf. Pietro Ferrua, in revista *Reconstruir*. Argentina, julho/agosto de 1971.

<sup>9</sup> Victor García. *México, Panamá y Océano Pacífico*. Ciudad de México, Editores Mexicanos Unidos, 1969, pp. 47-48.

<sup>10</sup> Cf. John Reed. *México Rebelde* Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1968.

<sup>11</sup> Manifesto de Emiliano Zapata, agosto de 1914.

<sup>12</sup> Cf. Pietro Ferrua, op. cit., 1971.

*RESUMO*

*O artigo busca fazer uma leitura da Revolução Mexicana sob a perspectiva libertária, dando especial atenção às vivências e experiências de alguns anarquistas, bem como do papel da imprensa libertária, em seus desdobramentos. Andando na contramão da história, tenta mostrar o começo de revolta que foi engolido pela Revolução.*

*Palavras-chave: Anarquismo, Revolução Mexicana, Luta*

*ABSTRACT*

*The article aims to present an outlook on the Mexican Revolution under a libertarian perspective, with special attention to the relationships and the experiences of some anarchists, as well the role of libertarian press and its developments. Going against history's flow, the author shows the beginning of a revolt that was absorbed by the Revolution.*

*Keywords: anarchism, Mexican Revolution, struggle*

*Recebido para publicação em 17 de julho de 2006 e confirmado em 14 de agosto de 2006.*